

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TÁTIA RANGEL

**CORPO SEM ÓRGÃOS -
EXPERIMENTAÇÕES EM DEVIR**

Niterói/RJ
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TÁTIA RANGEL

**CORPO SEM ÓRGÃOS -
EXPERIMENTAÇÕES EM DEVIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cecilia Maria Bouças Coimbra

Niterói/RJ
2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R196c Rangel, Tátia
Corpo sem Órgãos - experimentações em devir / Tátia
Rangel ; Cecília Maria Bouças Coimbra, orientadora.
Niterói, 2019.
71 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2019.m.05382859744>

1. Corpo sem Órgãos. 2. Devir. 3. Experimentação. 4.
Escrita. 5. Produção intelectual. I. Maria Bouças Coimbra,
Cecília, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

CORPO SEM ÓRGÃOS - EXPERIMENTAÇÕES EM DEVIR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Niterói, 05 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Cecília Maria Bouças Coimbra – Orientadora (UFF)

Mário Bruno (UERJ)

Adriana Rosa Cruz Santos (UFF)

Auterives Maciel Junior (PUC/RJ)

Aline Ribeiro Nascimento (UNIRIO)

Poliana dos Santos Cordeiro – Suplente (FSMA)

**Niterói/RJ
2019**

À Cecilia Coimbra

*“Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca”.*
(Fernando Pessoa)

*“uma obra
onde se sinta todo o sistema nervoso
iluminado como num fotóforo,
com vibrações,
consonâncias
que convidem
o homem
A SAIR
COM
seu corpo”*
(Antonin Artaud)

AGRADECIMENTOS

Agrada-me o encontro do que sinto e componho com os outros, com a diferença que torna único o que experimentamos nos instantes-juntos:

no tempo-mestrado, **agradecer-com**: Cecilia Coimbra, Aline Nascimento, Auterives Maciel, Mário Bruno, Ana Kiffer, Kátia Aguiar, Adriana Rosa, Ilana Farias, Catarine Venas, Julia Gambetta, Fabricio Martins, Mario Candido, Sandro Pinheiro, Angelica Pizarro, Zé Ricardo, Gonçalo Tavares, Cleo Carvalho, Joana D’Arc, Rafael Soares ...

em outros tempos, **agradecer-amizade**: Alexandre Azevedo, Julio Silveira, Paula Ferraz, Irene Grether, Cristie Campello, Pablo Gonzalez, Poliana Santos, Érica Carapeticow, Najla Assy, Leila Moutinho, Margareth Hisse, Erika Reis, Nuelna Vieira, Vania Nascimento, Teresa Santos, Diego Gondim, ...

pelo longos tempos, **agradecer-cuidado-saúde**: Pedro Honório, Luis Valle, Tereza Cabral, Geraldo Monteiro e Eliane Menezes.

nos meus lugares-pouso, **agradecer-com-em**: UFF - Universidade Federal Fluminense através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia; Cecilandia, lugar-encontro de muitos afetos e trocas; Grupo de estudos de quarta-feira com Auterives; Grupo de estudos de quinta-feira com Pedro Honório na Hans Staden; Grupo Encontro-Corpo-Pensamento com Adriana Rosa na UFF.

com os afetos construídos que atravessam os tempos, **agradecer-vida**: Leny Emmerick, Rubens Emmerick e Graça Barros.

entre diferenças de tempos em conhecer e estar, **agradecer-
aprendizados-afetos**: Antonin Artaud, Clarice Lispector, Claudio
Ulpiano, Félix Guattari, Fernando Pessoa, Gilles Deleuze e
Marilene Rosa.

... é uma alegria encontrar pessoas-afetos nessa
escrita banhada por tantas intensidades.

RESUMO

Esta dissertação é um exercício de experimentação. Emerge da busca pela resposta sobre a questão: *o que é um corpo sem órgãos?*, e encontra como fio condutor o texto de Deleuze e Guattari: *Como criar para si um corpo sem órgãos?*. Durante o processo de pesquisa a necessidade de respostas perdeu a força, e a potência das experimentações ganhou consistência para que a escrita fosse o próprio campo de pesquisa, e o corpo-pesquisador a *composição de intensidades* para dar passagem a essa escrita, assumindo passos *cambaleantes em errância*, afirmando *a ética e a estética* como delimitadora de suas bordas. Uma escrita das intensidades, livre do dever em responder questões e desejosa por inventar movimentos aberrantes, o encontro da menina e da senhora se torna o *ir e vir* do colocar um corpo para funcionar com conceitos, pelos conceitos. Esse corpo-texto têm diferentes ritmos e fontes, estilos inventados, opera em modo rizomático, como um convite para leituras abertas, que poderão se tornar experimentações para quem com os textos se encontrar.

Palavras chaves: Corpo sem órgãos, devir, experimentação, intensidades, escrita.

RÉSUMÉ

Cette dissertation est un exercice d'expérimentation. Elle émerge de la recherche de la réponse à la question: qu'est-ce un corps sans organes ?, et trouve comme fil conducteur le texte de Deleuze et Guattari : Comment créer pour soi un corps sans organes ?. Au cours du processus de recherche, le besoin de réponses a perdu de sa force et le pouvoir des expérimentations a gagné de la consistance pour que l'écriture soit son propre champ de recherche et le corps-chercheur la composition d'intensités pour faire place à cette écriture, en assumant des pas saccadés, en errance, en affirmant l'éthique et l'esthétique comme repères de leurs contours. Une écriture des intensités, libre du devoir de répondre aux questions et désireuse d'inventer des mouvements aberrants, la rencontre de la jeune fille et de la femme devient un va-et-vient afin de faire fonctionner un corps avec des concepts, par des concepts. Ce corps-texte a différents rythmes, sources et styles inventés, fonctionne de manière rhizomatique, comme une invitation à des lectures ouvertes, qui pourront devenir des expérimentations pour ceux qui liront les textes.

Mots-clés: Corps sans organes, devenir, expérimentation, intensités, écriture.

SUMÁRIO

Bu(R)la .	10
Corpo sem órgãos .	12
Fruta do querer. o querer de querer. (carta aos amigos) .	13
Dobra e desdobramentos no corpo .	15
Carta Zero .	16
Escrita-artaud-inspira-pira .	19
Fumaça .	20
Carta a Serpente .	22
Agosto 2008 .	25
A menina brilhante .	28
Abrindo janelas .	34
A hora nem acordou .	36
Linhas duras .	38
Na rua .	40
Nômade de mim .	41
Bêbada .	43
Mergulho .	46
Água do rio .	50
Travessia .	54
Carta da Senhora .	58
Retorno .	60
Corpo sem órgãos - Experimentações em devir .	62
Perigo .	65
Referências .	66

corpo sem órgãos, é um banho desnudo, um encontro da água com a pele rompendo com a lógica da moral, carregando em si a liberdade de ser carne. sem mais um deus que comande a criação, ou a manutenção da dívida eterna, é a liberdade de não ter mais herança. tornar o instante sua própria origem, seu início e sua morte, sem antes ou depois, sua intensidade se compondo com a vida. esquivar-se dos julgamentos e mergulhar na avaliação de seus encontros, seus possíveis. corpo sem órgãos não cabe em definições, se aproxima das experimentações. é o corpo correndo riscos de viver, de estar na vida, afirmando o instante na intensidade que pulsa em seu corpo¹.

¹ Em núpcias com Tátia Rangel (2019).

fruta do querer. o querer de querer. (carta aos amigos)

um além do que vai na fina camada da pele que arrepia, um além que transborda do suco gástrico e faz golfar agonia, um além do além querer, sempre um entornar do querer se transformando em azedume da obediência em manter-se na linguagem, na norma, na academia... rompendo com as leis que nos moldam o funcionar, saindo da domesticação, para em pesares experimentar pousar a invenção, uma digestão acontece. algo se dilui em nutrientes que escoam nas lágrimas criando marcas que fodem com as regras e gozam na invenção de outros prazeres que fazem deslizar o que há de potência.

sem rima métrica bons modos, paralização. um não movimento em expansão. pra dentro no dentro fudido pela doma, faz cozer o cu, colar as tripas, emudecer as vísceras, um tornar-se pedra se faz na moleza da carne que sem fluidez se perde na moral. a mão quebra os possíveis. dói trava incha para. tem prazo falta tempo tem que fazer não pode parar. não adianta mandar, querer, saber do necessário. travou. não tem desilusão desmedida com a imaginação, quiça medo do que vem na composição. foi mais que expulsão. foi expressão. a mão falou, o corpo se fez mão, e no não-mover fez corpo em ação. para escrever foi preciso reter. para entender que o que aqui se faz, se dá pela experimentação, se fez corpo maior que cognição. sem sentido ou explicação. tudo parou desde a mente a alma o corpo a criação. tem política militância convulsões. um dissolver das crenças garantidas pelas letras em errância. medo. a ação se fez de morte. silenciou. travou. e no silencio barulhento das não letras em expansão se fez pesquisa, atravessou a borda e se inventou artista. para além de objetivos, conceitos, justificativas, referências, bibliografias, tem corpo em

ação. uma composição. um corpo que se permite ficar a deriva do controle para nos caminhos encontrar os conceitos, nas gagueiras rimar com os autores e nas confusões roubar a potência do que há.

poético, alguns irão dizer. esquivo, outros tantos afirmarão. sem sentido, outros tantos irão falar. arte, os disponíveis sentirão. mas já estava esquecendo, é pesquisa, segue critérios, normas, moldes, institucionalização. PREFIRO NÃO². então, para não se perder de tudo que se fez invenção até a virgula, vamos criar um ponto-criação, e aqui nasce da confusão um tal: dizer-ação, que na verdade combinada se chama: dissertação. um tal dizer da ação que faz mover do caos interno uma potência do que há no Fora pra fora desse corpo de pesquisador, tornando-se tantos outros corpos em diferentes funções, até romper com todos eles, e encontrar nos possíveis da criação a fuga para não enlouquecer. e no aquecer do agora que se faz expressão, para além das letras que criam sons, como ler com as vísceras? olhar com as pernas? ouvir com a pele?

² Roubo direto em Deleuze (1997, p. 83).

Dobra e desdobramentos no corpo³...

O que meus olhos olham
Aonde meus pés pisam
O que minha barriga sente
O que meus pés cheiram
O que minha barriga pensa
O que meus olhos falam
Do que meus ossos estão cheios
O que falta ao meu sangue
Que sabor estão nos meus músculos
Que corpo imagino ser
Que corpo quero ser
Que corpo percebo ser
Cheio de tanto ser
Da para inventar outra forma de estar?
Cheire chore cague coma foda crie...
Não dá mais para tanto nomear
É corpo.
Carne merda sangue fluxos
Tá vivo
Quer vida
Está aqui e agora no respirar!

³ Esse poema escrito pela autora se iniciou numa aula que ministrou na pós-graduação em Psicomotricidade/IBMR (2012) junto com Cristie Campello sobre Esquizoanálise, sua conclusão foi numa oficina que realizou junto com a Teresa Santos na semana de psicologia da UFF em agosto de 2017, sua primeira apresentação integral foi no GT-Deleuze em Ouro Preto (2017) através de comunicação oral realizada pela autora com o mesmo título do poema.

Borbulham coisas em meu corpo que não identifico, umas esquisitices que me tiram do lugar, atordoam as ideias antigas, remexem nas novas, amortece as sensações. Algo um tanto estranho ou será diferente?

Não deveria estar lhe escrevendo, mas não tenho com quem mais falar dessas coisas que sinto. Irão achar-me louca, vaidosa, desvairada, sei lá qual adjetivo me darão. A estranheza se ocupa tanto do meu ser que nenhum adjetivo preenche a vontade.

Gostaria de ser comum, só ser mais um. Mas deparo-me com o grande vazio da diferença, do perceber, do sentir. Nada de belo há nisso. Dói, angustia, incomoda, pesa, cansa... torna tudo mais complexo.

Certa vez me perdi por ruas belas, grandes, me senti uma fagulha de nada, um grão de areia indiferente ao restante. Isso num primeiro momento foi estranho, ruim, mas no instante seguinte, foi a maior das alegrias já sentidas na pele. Nada nem ninguém me olhava, se importava. Foi quando me percebi ali atordoada nas sensações, perdida nos pensamentos e sem rumo por aquelas ruas... não falava a língua local (o presente da não linguagem), entrava e saía dos lugares em silêncio. Atormentada pelo barulho que circulava silenciosamente no caos escondido da língua estrangeira, tímida na ignorância do não saber. Vaguei dancei olhei chorei sorri gozei. Um nada naquele mundo. Um nada naquele instante. Um vazio. Um espaço dessa vida tão cheia. Um pouco de paz nessa confusão constante do ser alguém, alguma coisa.

Sou estranha mesmo. O corpo não cabe em si, precisa de dobras e redobras para caber num espaço que o disfarce de sua estranheza. Os olhos saltam do rosto, as bochechas

rosas da vergonha do viver sobressaem aos dentes amarelados de fumaça e café. As mãos tem marcas únicas, os pés deformes de tantos caminhos cruéis. No cu as pregas presas pela moral, na boceta a abertura covarde da caverna solitária, no falo inexistente a coragem de andar às margens dos demais, na bunda grande a força de passos errantes, na cabeça o peso do pensar e nas articulações as durezas da obediência de ser coerente, os cabelos um tanto revoltos se prendem ao óleo do calor, poderia lhe contar em miudezas como sinto esse corpo que tenta existir como é, mas faltam palavras, queria mesmo era lhe dizer que sinto-te próximo e longe, simultaneamente, perto do corpo, longe da razão.

Não cabe ficar dizendo essas coisas para você, que tão bem (ironia da linguagem, não acho outra palavra para tal tradução) sente e sabe das angústias de ter um corpo e espírito incompreendidos por tantos. Por essa sociedade escrota que disfarça não ser gente. Aceitam moldes sociais como tradução de si. Repetem a insignificância de ser sujeito medíocre nessa vida indolente. Fingem que não sentem.

Tem cus cheirosos, bocetas sorridentes, pirus esnobes, caras de gente.

Falta ter gente nesse povo sujeito assujeitado de normais e morais que controlam o que os torna gente. Cagam fedido como qualquer um, choram de dor, catingam de suor, vomitam o indigesto, são carne e merda andando encoberto de grifes, modas, cores e disfarces. Estudam, trabalham, pagam seus impostos, obedecem a lei, seguem a moral e os bons costumes. Que merda fazem da gente?!?

Posso te chamar de amigo? Não sei se precisa de nomeação, mas quero lhe dizer que sua dor ressoa aqui, num lugar que nem sei, mas me instiga a não ficar, me leva a andar.

E como perdida comecei, agora te escrevo de outro lugar, ao qual tudo me parece mais em ordem, um tanto familiar.

Continuo sem saber onde estou, mas agora sinto alguma semelhança no lugar. Não tem mais tanta beleza, nem tão pouco sobra ar, mas me conforta reconhecer esse lugar. Sem nome definido ou classificação qualitativa para lhe dar agora, apenas um boa noite, que agora não suporto mais manter esses grandes olhos abertos e essas mãos a escrever, preciso de outra coisa para sobreviver a esse lugar reconhecido que meu corpo teimou em ficar.

Um quarto escuro de possibilidades, um corpo, buscando mais que sentido, um sentir para invadir a pele: não conseguia se dar conta do que a atormentava, vagava por sonhos ilusórios de seus não-vividos, o corpo, em chamas de desejo, na busca por sentido, amordaçava seus possíveis. Queria voar, mantendo os pés ao chão, queria querer, mas temia perder-se... ao se embriagar no cheiro exalado por seus medos dançava entre a amante fogosa e a menina arredia. Ser várias a perturbava, ocupava-se em tentar desvendar seu enigma e nessa nau que mergulhava sem respirar, despia-se do eu para encontrar o outro que a instiga e cala. não. Sua recusa em perder o fio que a conduzia de volta ao chão era o mesmo fio que a levava junto a fumaça permeando-se ao ar ao desejo ao breu.

Apreender a fumaça

Querer sua captura

Sua forma

Sua fluidez

Seu tempo insistente em existir

Que se vai ... esvai no tempo sem tempo

Nem ontem nem agora ou depois

Instante

Tentei segurar

Só seu cheiro ficou

Tornou-se marca impressa

Nos dedos, nos cabelos, na boca

Talvez as cortinas a tenham em suas entranhas

Talvez a mesa a segure na paixão

E as palavras soltas se foram no bailar

Nos dedos, nos cabelos, na boca

Talvez as cortinas a tenham em suas entranhas

Talvez a mesa a segure na paixão

E as palavras se foram bailando

diferenciar-se é a grande dificuldade que nos atravessa, não só no âmbito social, mas talvez o mais dolorido, esteja no âmbito familiar, afetivo. ser diferente do outro. quando essa diferença assume o desaforo de ser diferente da perfeição do outro, é uma afronta, um erro de condução, um ser tão perfeito que se esmorece na falência de não ter cumprido a missão de fazer o outro seu reflexo e cópia.

ouvir da mãe que não és um filho. poderia ser dolorido, mas nessa escuta, é a liberdade ganhando alforria! estou, mesmo que seja aos olhos dela, conseguindo estar num lugar que não é igual ao seu, isso me contagia de alegria sem sorriso, pois por mais trabalho que tenha, muito ainda há em mim que é dela, mas muito há em mim que ela não reconhece sendo dela! isso já faz diferença!

“já se sabe que a vida é sempre a morte de alguém”.⁴ deixar morrer essa mãe que me oprime, me aprisiona, me afunda no poço sem fim de sua infeliz percepção da vida. um trágico que se faz da crueldade feroz pela vida que urge em existir, sobretudo, nesse corpo que clama por vida, que já não faz mais diálogo com suas dores, prefere o silêncio a suas lamúrias por existir.

se para viver será necessário morrer alguém, que morra essa mãe que não permite a flor florescer, o sol esquentar, a beleza emergir, a vida acontecer... essa mãe que do breu de seus sentimentos só consegue exigir retidão, obediência, servidão... escondidos num discurso de amor, liberdade, dedicação. esse dito amor quero não. é mais honesto dizer logo o odiar que disfarçar tanto ranço fétido nessa podridão maternal.

⁴ Roubo em Artaud, 2004, p. 505-594 *apud* Kiffer (2011, p. 552).

menos difícil gerar culpa no outro que assumir suas acovardadas escolhas, e mais, reconhecer não ter sido escolhida pela luz dourada que envolveu sua trajetória com a qual não fez relação, só sonhou ilusões perdidas em razões pouco coerentes ao tesão, a vida, ao amor, a alegria.

obediente a moral e aos bons costumes, cozeu seu cu, amordaçou sua boceta, encheu de lama seus olhos, tampou os ouvidos, e fez de morada santa seu pensamento. pobre figura *décadent*⁵. fez-se mais dura que o concreto, mais reta que a lança, mais cruel que o dito mal. tirou de si possibilidades sadias, fixou-se nas crateras odiosas do existir, não deixando silenciar seus mortos, carregando-os como troféus em seu pensamento, transformando em merda todo seu sentimento.

és tu *décadent* criatura moral que adoecida de tanto ressentimento faz apodrecer seu entorno real, não percebes mais possibilidades, faz de cada luz uma tempestade, de cada novo instante um infinito perdido, uma tormenta amarga. não vives, sobrevives como prêmio por resistir a tanta maldade que o mundo fez de ti.

oh pobre criatura!

que afastada de suas possibilidades, só percebe-se como inocente, efeito do mal sobre ti. então, faz jus a presa que se torna fera? a revolta dos oprimidos?

antes assim o fosse. tens prazer na tormenta cruel que causa aos outros, teus olhos sorriem nas frases de desprezo que jorram de sua fétida boca, sente-se uma rainha a qual tudo pode dizer ou fazer, mesmo que isso seja, espezinhar os outros com a expressão suave de: pobre de mim, como sou maltratada!

ora ora

⁵ Em núpcias com Nietzsche (2008, p. 23).

se assim o fosse, cadê tua braveza sobrevivente que te fez heroína de toda a história? todo seu mérito? todos seguindo sua retidão, obedecendo suas ordens, seguindo seus passos? oh pobre criatura!

de ti não guardo rancor ou amargor, apenas vacino-me para não cair em teu veneno. és cruel como a serpente, sem dó ou piedade, és trágica como a vida, somente não guarda em seu bote a surpresa louca do devir, pois no teu sibilar só há lama e podridão, guardas merdas para ter sempre munição, estas fadada ao fracasso antes mesmo da empreitada, pois é certo a decadência, para num outro dia justificar-te as merdas que guarda, nunca nada estará colorido, pois isso iria incomodar-te, pois iria mesmo que pela dor, sentir que morres a cada dia de vida.

é loucura querer viver, em tua perspectiva. a vida é luta, retidão, e assim o tem que ser. nada de diferente disso. prazer, luxúria, distração. são perdas de tempo em meio a tanta obrigação. fez certo, está bom? jamais. não há perfeição como a tua. tens em ti um lugar imaginário tão insuportável, que só mesmo a solidão será capaz de acalmar-te, deixar-te não mais gerar tantas outras obrigações.

em meio a essa tormenta silenciosa que me travou hoje ao despertar, decido calmamente a ti dizer: PREFIRO NÃO. sem mais ou delongas, sobretudo certezas, sei que de ti só quero o possível para manter em dia a vacina contra a *décadence*⁶, e num átimo de saúde, afirmar o que me acontece, amor *fati*⁷, devir louco, boceta aberta, cu aberto, sorriso solto... ops... nem tudo tão coerente ou já determinado assim, mas é para dizer-te, serpente materna, não tenho que fechar como ti para de seu movimento escapar, é devorando-te que irei de teu veneno lançar-me a vida que pulsa em desejar!

⁶ Em núpcias com Nietzsche (2008, p.22).

⁷ Roubo direto em Nietzsche (2008, p.49).

Olhava para o avião no alto, distraída em meio à intensidade do som que invadia o corpo, não escutava as pessoas, apenas o avião, som forte, livre, longe, dentro... percorria vibrações pelos músculos. Eis que uma pedra atravessa meu caminho, me derruba, perco o chão, perco as pernas. Ali começa o novo caminhar, o descobrir de outros caminhos sem pernas. Apoiada nos braços amigos, consigo me sentar, um riso deixa transparecer o medo, a loucura, a solidão. Alguns me ajudam, me confortam em palavras, mas um olhar me acalma, não demonstrou pena ou medo, apenas zelo.

O pisar nunca mais foi o mesmo. Desta pedra, que seria o anúncio do derradeiro fim, tornou-se a fuga para possíveis inventar, um recomeçar constante se instaurava ali, foi afirmando a dor que o caminho se tornou possível.

Conheci muitas pessoas, comecei a andar em novos lugares, dormir em diferentes camas, ficar só e com multidões. O medo parecia ter ficado em segundo plano, e a necessidade de andar em busca da dissolução da dor era a vida em movimento. Quanto mais doía, mais andava, quanto mais doía, mais amava, quanto mais doía, mais crescia... você não sabe o tamanho que tem - sempre me dizia aqueles olhos zelosos. Não conseguia escutar, mas os ossos ouviam muito bem, esse barulho ficou vibrando no tutano, reproduzindo outros corpos no corpo, gerando força de ir quando não se sabia para onde.

Certa noite a dor tornou-se de morte. Nada parecia ter sentido. A vontade do nada era o tudo que se fazia no latejar da dor. Andei de um lado para o outro. Olhei a janela. Fiquei a contemplar sua altura, o

Cristo, a rua. Voltou a latejar. A dor queima o que nem nasceu ainda. Chego ao desespero desconhecido. Paro. Grito. Choro. Chega. Não quero mais isso. Não quero mais sentir. Não aguento mais suportar. A exaustão me pega pelos braços, a dor anestesia os sentidos, o sono salva da janela o corpo cansado... o tempo banha a pele, no rastejar das possibilidades o sono acontece. No tempo seguinte, o corpo levanta-se e apropria-se da dor. Fato. Dói, sem mais nem menos. Dói...

Levanta-se, num átimo de vergonha fecha a janela, acende as luzes. Toma como realidade que seus olhos precisam olhar perto. Deixar o longe lá longe, se faz necessário agora. Suporta o insuportável e começa a limpar. Limpa tudo.

Varre passa pano tira poeira sacode toalha fecha porta abre torneira torce pano...

Descobre muitos livros na estante. Fica olhando. Parece mais que um primeiro encontro. Um cego enxergando mesmo cego. Um surdo ouvindo mesmo surdo. É isso. O corpo que olhou, não foram os olhos. Mais que percepção. Foi a pele experimentando esse encontro.

Folheou vários. Cheirou outros. Remexeu todos. Um caiu. Pesado, com nome diferente, mas simpático. O encontro se desdobrou mais. Escolheu um lugar, apagou as luzes, acendeu o abajur. Abriu as janelas, acendeu um cigarro, pegou um café. Começou a amar.

Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Os raios do céu no cu. Eu e não-eu, exterior e interior, nada mais querem dizer. Natureza. Fluxo. "o corpo é o corpo ele está só/ e não tem necessidade de órgão/ o corpo não é nunca um organismo/ os organismos são inimigos do corpo". Corpo-sem-órgãos.⁸

⁸ Em núpcias com Artaud, 1948, in 84, números 5-6 *apud* Deleuze e Guattari (1976, p. 23-24).

Levanta-se na urgência, sem tempo de pensar. Vomita. Vomita muito, muita coisa. Jatos de vômito. As pernas tremem. Um suor gélido percorre a pele. A cabeça oca. As pernas bambas. Cai ao chão do banheiro, o vaso torna-se seu companheiro. Olha o vômito e chora. As tripas se remexem, as fezes vazam. Numa saída do exílio dos excrementos, sorri em meio a toda merda. Não consegue pensar quiçá entender. Mas sente que agora, ali, no escárnio dessa bizarrice, algo aconteceu. Mais significativo que qualquer experiência que se lembre naquele instante. Sentiu.

Sentiu um texto em suas entranhas. As palavras foram sons em sua pele. O sentido correu no sangue. O entendimento moveu as merdas. Os orifícios sorriram para o texto. A expressão se fez presente. Maior que qualquer entendimento racional. Qualquer fichamento ou resumo. No corpo que o texto se fez corpo.

Um encontro de inocência e dor, dele abriu-se ao mundo. Ao sair de casa viveu um grande encontro, fez amor, experimentou o gozo, saiu da solidão. E depois de encontrar Antonin Artaud, prosa ou poesia, teoria ou literatura, teatro ou loucura, nada mais fez diferença, é crueldade mesmo. Tudo é corpo.

A menina brilhante

Era sábado à tarde. O movimento era diferente, tudo parecia mais animado, mais rápido. O sol tinha um brilho especial. Como se o tempo estivesse de folga dos excessos. Ficava a janela de minha avó observando a montanha em frente, sempre tentava achar alguma diferença, por mais que meus olhos insistissem que era tudo igual. Ia ampliando, aproximando, até perceber o vento. Por mais um pouco de tempo, via um pássaro, o mexer das árvores, do mato. Existia um movimento naquele morro independente do resto todo. É como se ali fosse outro mundo. Muitas vezes me perdia por horas no desejo de ser desse mundo, aos meus olhos lá tudo tinha tempo, o movimento era suave, além do privilegio de estar mais perto das nuvens, lá naquele alto mais perto do céu. Mas desconfiava que lá poderia ser solitário demais, não sei se gostaria de levar alguém comigo. Lá era refúgio de bons e maus momentos. Esconderijo mesmo, sabe? Daqueles que ninguém conhece, que é segredo. Só mesmo os atentos aos meus olhos que poderiam desconfiar, como esses atentos não existiam, era meu segredo de verdade, até agora que resolvo contar, mas pensando bem, não vou te dar direções, assim, ele irá continuar sendo um mundo de criações.

Alguém me disse que entre o céu e a terra há muitas coisas, nunca consegui entender bem o que isso quer dizer, mas bem sei que para a montanha chegar, há um mundo no meio, desses que a gente se assusta só de pensar.

Para chegar lá, será preciso enfrentar uma paixão, dessas proibidas, que só se contam nos filmes românticos. Porém essa que vou contar

agora, não tem nada de glamour. Porque nesse mundo ainda não existiam esses filmes, então, será estranho demais levar uma história para dentro de outra história que não existia. Não me sinto bem inventando descaradamente coisas falsas, gosto mesmo é de inventar coisas potentes, mas isso não tem importância agora.

Voltando à tarde de sábado, a menina que irá protagonizar essa história, estava na janela da casa de sua avó, era peralta, olhos atentos, muito falante, conhecia todos que na rua passavam, mas havia um homem misterioso, com esse ela não falava com palavras, só mesmo com o olhar distante. O vigiava constantemente, até mesmo para guiar por onde caminhava seus passos cambaleantes, pois assim, ela esquivava-se dele rapidamente, mas claro, deixando-se notar.

Ela dizia que era medo, mas eu que olho do lado de cá, acho mesmo que é amor proibido de criança e homem grande, coisa que os adultos não irão gostar, mas isso não faz diferença, eu só vou a história contar.

Ela queria subir a montanha, mas por esse homem teria que passar, isso a assustava, paralisava mesmo, a coitada tremia mais que vara verde, inventava chiques para disfarçar, mas a mim não consegue enganar. Sabe frio na barriga? Borboletas no estômago? Tesão percorrendo o corpo? Acho que era isso o tremelicar do corpo da menina. Mas jamais poderei isso contar! Seria assustador demais para alguém tão pequeno de tamanha grandeza desfrutar.

Ela falava com um, ria para outro, fazia amizade fácil. Andava com pessoas mais velhas, ia mesmo se infiltrando no mundo adulto, sem vergonha ou preconceito, ela sabia que era criança, mas brincava mesmo de ser igual gente grande. Inventava trabalho, vestia-se para tal, parecia brincar, mas que nada, era sério, começou a alguns velhos alfabetizar, começava pelo nome, pois achava um absurdo alguém não saber assinar. Fazia o estilo de professora brava, aquelas que os alunos

implicam, sempre dizendo coisas nos corredores do tipo: ihhh lá vem à professora mal amada!

Quando a desobedeciam, zangava, botava de castigo e ainda dizia: bom era o tempo da palmatória! Quanta besteira ela falava, olhando daqui, acho mesmo que era um recado para os velhos a obedecerem, de que se valia essa miúda menina e esses velhos de grandes mãos?! Nem se ela batesse com muita força iria doer, eles iriam rir dela feito bobões. Mas, mesmo assim, a vontade de aprender os fazia respeitar a menina, mesmo com vontade de rir, eles se comportavam, pediam desculpas, faziam silêncio. E num escorregar, lá estava ela a brigar.

Com isso, o tempo ia seguindo, e ela se disfarçava na crença de já ter crescido. Suas aulas acabavam antes do escurecer da noite, era o limite que sua avó lhe dava, mas para os alunos ela dizia ter outra aula depois. Não sei o que eles deviam achar, mantinham o respeito absoluto de não atrasar. Ela mesma fazia o som do sinal. Acabou a aula meninos! Até o próximo sábado, e não se esqueçam da lição terminar!

E toda realizada, voltava para casa, exausta de tanto trabalhar. Chegava e inventava um drink para relaxar, era água mesmo, mas para ela tinha outro sabor a degustar. E ainda tinha os cigarros de papel, esses a avó deixava acender, porque também gostava de brincar.

Vale contar um pouco dessa avó. Mulher simples, sem atributos diferentes do cozinhar e costurar, a não ser o fofocar, sabia de tudo que acontecia naquele lugar. Mas de forma interessante, ela era do tipo conselheira, todos com ela gostavam de conversar, e assim, como quem não quer nada, ela de todas as histórias sabia contar. E o melhor, tinha opinião para todos, sempre sabia o que deveria ser feito para que a história de melhor forma pudesse terminar. Ela mantinha um segredo interessante, gostava de namorar, flertava com vários homens, mas na

hora de dormir era só com o marido que ia se deitar. Para seus cabelos brancos e idade avançada, hoje posso dizer que seria uma mulher avançada, não tinha muitos pudores com seus desejos, por mais que não os bancasse, só um pouquinho deles se deixava experimentar. Mas isso não nos interessa agora. O bom mesmo dessa história, é que essa avó deixava a menina viver. Sentavam à cozinha, como se fosse um encontro depois do trabalho, tomavam um drink, fumavam um cigarro e tagarelavam como boas amigas revendo velhas histórias.

Pensando agora, essa menina tinha mesmo vida de gente grande, será que os adultos sabiam do tamanho dela? Tudo era tão sério, e levado a sério, que até ao contar para vocês essa história, estou eu do lado de cá pensando se é estória?!?

,continuando, passava a semana, e a menina tinha que ter uma vida apropriada, então seguia o comum: escola, deveres, ajudar em casa, coisas desse tipo sem valor. E todas as noites, sonhava como seria o sábado, estudava as aulas, preparava dezena delas, mas sabe como é vida de professor, nem sempre era o planejado que acontecia, até porque, os alunos dela não sabiam o que era ser aluno, pois professora na vida, foi só ela que eles conheceram. Então, eles só eram os alunos que ela queria que eles fossem, e como a professora gostava de brigar, as aulas às vezes nem começavam, pois da confusão inicial todos se zangavam, e os planos de aulas ficavam entre ela e os alunos invisíveis. Acho mesmo que ela gostava era disso, disfarçava de ser brava só para ficar sozinha e poder no palco da sala brilhar. Ela contava histórias, inventava assunto, era mais interessante, nem brigava tanto. E claro, deixava escapar histórias de romances. Dessas histórias comecei a notar a paixão fulminante, aquela que tentei começar a falar, era dessas escapulidas do plano, que a menina de fato deixava sua mulher exalar. Era lindo, parecia usar saltos finos, blusa levemente

transparente, batom vermelho, perfume elegante. Ela brilhava como pedra rara!

Mas pobre coitada menina, seu brilho era ofuscante, então, para manter-se disfarçada, escondia-se do mundo por detrás da máscara de boa menina, assim, sua mulher brilhava só na ausência dos olhos domesticadores de tamanha ousadia.

Em uma dessas tardes de sábado, ela não suportava mais viver essa vidinha, parecia até uma desilusão com a carreira escolhida ou uma decepção de alma ofendida. Ninguém soube dizer ao certo o que atacou a menina, mas num súbito lance de confiança, atravessou a avenida. Do outro lado deparou-se com sua ferida, lá estava o homem misterioso à espreita da menina. Ela destemida querendo enfrentar sua vida, colocase altiva e sem delongas finge não ter alguém ali. Mas indignado o homem deu a partida, olha aqui menina boboca o que faz desse lado de cá?!?

Ela respira fundo, solta o ar. Sente que foi para ela a direção daquela ousadia, e como mulher grande que se faz, lança lhe um olhar de rapariga, né nada não, só me deu dor de barriga. E o homem estupefato com tal alegoria, não soube o que dizer, e lá se foi à menina. Andando calmamente, mal poderiam perceber o nervoso de sua vida. Por instantes tudo poderá dar errado e ela perder a saída, num lance de coragem faz viver a subida. E lá se vai a menina, sobe, sobe alto a montanha, não se intimida. Chega num ponto seguro, solta a barriga. Respira aliviada. Sente-se viva.

Senta-se ao lado da árvore que lá de baixo sentia ter vida. Por instantes não pensa, fala ou ousa barulho fazer, só existe, naquele alto que um dia sonhou acontecer. Olha sua vida e a vida dos outros da vila, se dá conta que lá de cima tudo lá em baixo tem vida. Árvores se mexem, pessoas andam, animais pastam, galinhas ciscam, pessoas

trabalham, meninos soltam pipas... Aos poucos ela foi capturando cada cantinho que lá de baixo para ela não tinha vida, num relance sábio ela se questiona, será que só sei olhar de longe minha vida?

E a tarde foi passando, era bonito ver o nascer da menina, despindo-se da mulher, ia permitindo-se ir surgindo, fora dos padrões ou invenções, ela foi se dando conta dos olhos e das percepções, com isso foi se esquecendo das representações, e foi ficando grande a menina. Eu aqui olhando, me emocionei com a coragem reprimida, ela tentava bravamente ter vida fora da vida, mas como lhe faltavam pernas, não se dava conta do peso dos ombros para a menina. Era invenção, ou melhor, repetição demais do adulto querendo ser gente a pobre menina, não sentia o seu corpo, nem se dava conta da força que surgia, queria ser dura como os demais, achando isso ser a saída. Mas foi quando na leveza de seus passos, se fez menina em dor de barriga. Ousou atravessar o medo, dar adeus ao passado e inventar o caminho, fez do morro sua passagem, a montanha seu lugar, e o existir, seu amigo. Foi lindo ver o brilhante sair do peso e virar menina, mas e o amante? O amor proibido? Esse era ofuscante dos possíveis da menina? Eu aqui cheia de histórias, contaminada de romantismo, me esqueci que desde aquele outro instante a história era da menina. E ela só estava ocupada em seguir mais adiante, sabia que ao lado poderia ser gigante. Eu aqui fadada aos representantes, fui enganada o tempo todo por falsos brilhantes. O que brilha pra mim, não brilha para outros no mesmo instante. A menina não estava nem ai para a moral ou os errantes, queria mesmo era desbravar outros instantes.

Olhar distante que por momentos parecem tão profundo quanto os seus, como janelas entreabertas que num arroubo do instante são abertas abruptamente, num relance o outro já entrou disposto a cavar lá no fundo algum segredo. É um desconcertar-se nos próprios olhos. Um querer fugir invade o corpo, mas a curiosidade de ser invadida e invadir ao mesmo instante, fazem da menina um poço de coragem. Tenta titubear, mas se afirma enquanto possível, respira nas pernas e se permite mais um pouco. Para além de qualquer olhar, mais que ver, mais que enxergar, um quê de tolice lhe invade a face, tomada de sorriso pueril para disfarçar o rubor do rosto, o sangue esquenta, quente fica o corpo... para além da boceta, da boca, da barriga... é um percorrer de olhos pela carne, até mesmo o olho do cu se sente nu... sem limite de fronteiras... um e outro se tornam agora. Líquidos escorrem, suor pinga, bocas tremem, lábios brilham. Num mergulho de êxtase o corpo se deslumbra ao outro, num vago olhar para si, já não é mais aquele eu que se percebe, nesse instante o corpo experimenta seu devir-animal. A força do prazer se faz gozo. A força do corpo se faz presente. No peso do outro seu peso sente, pelo toque do outro é na sua pele que a vida pulsa. E no refletir das janelas alheias, percebe o brilho de suas janelas, num encontro de instantes se faz mulher-menina-amante, deixa-se entregue aos braços do outro, solta nos embalos de beijos longos, entoada pelo gemido de prazer e descoberta, faz nascer possibilidades em meio às cobertas. E assim, carnes se misturam por entre pensamentos distantes, não é possível saber para onde cada um se foi depois de olhar-se. Uma distância se fez. Mais que beijos, sussurros, gemidos, carícias, há um silêncio que embala esse

encontro. Um não saber sobre o depois. Um não entender o agora. A incerteza dada pela aventura de desbravar o medo, a não garantia deixada aflorar nesse agora. E amanhã? Não sei. Terá mais? Não sei. Só sei dizer do agora, e está bom, é bom viver agora. Depois, não sei. O instante é muito grande para já ir para o amanhã embora. Fica mais um pouco comigo hoje? Não sei, amanhã tenho hora. Fico ou não fico? Escolhe. Não precisa ir embora. Mas e amanhã? Não sei. Preciso dormir agora. É, já vou embora. O silêncio se tornou maior. Um adeus ou até logo ninguém pode saber dizer agora. E lá se foi as belas janelas, meio fechadas, marejadas de desejo, incomodadas com outrora. E aqui ficam janelas abertas, brilhando pelas possibilidades e acreditando criar sempre possíveis, mas agora, precisa dormir, vira-se para o lado, e de janelas fechadas mergulha em outro mundo não revelado, e lá fora, a lua perplexa com tamanha devassidão, devagarinho chama o sol para contar-lhe a novidade: lembra da menina da montanha? Então. Hoje jogou fora o brincar de realidade, mergulhou no corpo, viveu o gozo e entrou no devir-mulher e sua hecceidade⁹. E o sol, brilhou e nada disse, banhou aquele corpo de janelas fechadas, nu entregue aos seus raios, a banhou de calor e desejou possíveis para a menina ...

⁹ Roubo direto em Deleuze (1997, p.38).

A hora nem acordou

Vira e revira, as vozes não deixam de ecoar na sombra das vísceras entorpecidas por ordens desgovernadas que atravessam seus limites corporais, tornam-se seus guias, tamponam os possíveis de vergonha, humilha a liberação, intoxica o movimento, faz inércia no conjunto. Essa engrenagem que tem a potência como combustível, paralisa diante do adulto que obedece.

É bom desde esse parágrafo, deixar claro que esse adulto não tem identidade, ele é a internalização da ordem, do Estado, da família, da moral... é a lei que faz ruir muitos possíveis. Ele não sai para passear, ele é a sombra que constitui o próprio viver em sociedade (pelo menos essa que compartilhamos).

Já se passaram muitas noites, e o esperado dia, ainda não chegou. A hora nem acordou, e todos já correm apressados como se fosse o último tempo daquele instante. Mas lá estava sentada à borda nosso personagem. Poderia seguir o clichê e lhes apresentar, mas seguindo a contramão, deixamos de lado esses detalhes representativos.

O movimento parecia algo contínuo, não dava espaço para outras coisas. O olhar parecia não existir, eram só olhos abertos, exprimidos, arregalados, fechados, só movimentos soltos, não era olhar. As mãos um tanto amorfas, tinham uma delicadeza única, o espaço se perdia quando algo as encontrava, e numa força desconhecida, o aperto tornava-se expressão daquele corpo através da mão. Uma desconjuntura só. Mas mesmo assim, todos achavam lindo, a coisa mais próxima da perfeição.

Seu som mobilizava todos. Sem vergonha ou modos, não escolhia hora para exalar o som de suas vísceras, e como babacas que ficam ao redor da criação, todos começaram a dar-lhe sentido.

Agora está com fome. Fez coco. Tá com xixi... blá blá blá ... tanta adoração, para daqui a pouco se transformar em educação!

Quando a hora acordou, já havia se passado muitos dias, talvez dezenas deles, não se sabe ao certo. Pois devido a rapidez com que o dia e a noite se encontravam, não teve hora que desse conta de marcar esse caminhar. E como o que mais tinha valor era o instante, o depois ou o antes, deixaram de ser regulados, foi uma urgência danada dar conta do agora.

Fome. Xixi. Coco. Sono. Dor. Dente. Fome. Peito. Coco. Gases. Xixi. Coco. Fome. Sono...

Uma sequência se fazia do agora, sem delongas, não tinha como prever. O entorno foi se cansando, uma mistura de amor, cansaço, dor, desespero. Como guardar essa máquina? Onde fica o botão que desliga? Tem como devolver?

Ops. Quantas feiuras saindo do desejo do ser superior aclamado por todos, desejados, e além de tudo, o mais forte de todos. Isso não pode ser dito, quiçá sentido.

E assim, começa nossa tragédia, desejos camuflados pela moral, servir para além do seu possível, esgotar-se acreditando ser capaz, ir até a última força como prova do amor. Mama nasce da urgência de se perder de si.

Parece que foi ontem que uma avalanche de ideias me atravessou a bexiga, um desespero urgente de águas por todos os lados. Um vai e vem, quase orgástico, mas era só movimento tentando livrar-se do prazer.

Era um desespero de vontade e proibição, quanto mais queria, menos podia desejar. Um jorrar de anulação frente a toda avalanche de sensações. Uma proibição sem nexos ou contexto, um não pensar dentre tantas coisas que a vida pode oferecer. E assim, as coisas foram seguindo e as tripas foram endurecendo, duras feito pedra. Paralisia. Nem o ar passava, que dirá a vontade de viver.

Tu serpente maligna, roubou-me a liberdade em troca do ar, desde o primeiro suspiro devo-lhe a vida. Quanta crueldade em tal distorção. Nem tu sabes como isso começou. Há quem diga que foi com Eva há quem acredita ser Adão. Eu aqui endividado eterno, acredito mesmo que isso deve ser maldição. Que raio de filiação que gera duplicata até o fim. Quero mais é ser pagão. Sem herança ou cobrança, sem tradição. Esse cu é meu. Essa boca é minha. Essa boceta é minha. Não há buraco aqui que seja de qualquer outro. Quero dos buracos criar zonas de possíveis, quero das durezas criar sinfonia. Por mais que décadance seja o seu lema, quero alforria.

Aqui das trevas das minhas merdas, sinto alegria.

Ser feio como a peste, voraz como a fome, cruel como a vida, suave como a morte, ser o que me proíbem dizer, ser como um nada que sem valor fede o ranço dessa hipocrisia.

Quando me perco do meu trabalho e divago nessas margens, perco-me dos possíveis, fico a enrabar velhas fantasias, procriando o mesmo sem um pingo de ousadia. As palavras fogem, a dor invade, a boceta seca, o cu contrai. A fadiga se apresenta. Não tem mais de onde sair qualquer coisa. Fica estancada a vida dos possíveis. Linhas duras se sedimentam, fazem morada na vontade. Luto, brigo, me esforço ... em vão. Pois são essas as linhas que se fazem chão. Como delas outras linhas puxar?

depois de passado alguns tempos no alto da montanha, a menina começou a pensar o que a levou até aquela distância solitária. era uma inquietação não tão inquieta, porque ao mesmo tempo que ela estava a se perguntar, já seguia em seus afazeres criados naquele lugar.

pela manhã observava o trabalho das formigas que tinham por obstinação destruir uma árvore com partes morta, seu tronco parecia ser morada de bichos e não mais corpo de árvore, e ali, havia milhares de formigas, andavam sem parar, um trabalho interminável, um trânsito caótico, um excesso de coisas. o que para a menina não fazia sentido, mas sabia que haveria de ter algum.

olhar para esse mundo despertava lembranças do tempo que viveu na cidade com a mãe. ficava incomodada ao ver como as pessoas corriam, e quando a faziam correr, ficava lenta, mais lenta, e isso causava irritação, alguns se perdiam em interpretações sobre seu comportamento, mas era apenas o seu possível, se corresse sentia ondas de morte em seu corpo, ... , era um deixar de ser quem é.

certa vez se desconectou desse cuidado e correu como os demais, foi triste ver como a menina ficou, desolada, perdeu-se.

invadida pelo mover do outro, não soube quais eram seus próprios passos, isso a levou para o lugar comum, no qual era apenas mais um. esse lugar não suportava estar, vagorosamente morria algo potente, a menina não conseguia saber o que era, mas seu corpo clamava pela arte das doses: doses de calma, de prudência.

Eis que me declaro nômade de mim.

Puxo uma tripa solta no emaranhado de vísceras que me compõem, ela nada entende desse movimento, cautelosamente, escorrega, escorrega, quase foge da tirania que pretendo exercitar com ela.

Uma luta entre querer e não querer. Entre poder e não poder.

Faça isso, faça aquilo, isso pode, aquilo não pode. Tantas regras e condutas que só escorregando muito para não se perder em tantos saberes dissociados do sentir. Hora para isso, hora para tudo, o que significa hora?

Turbilhão de deveres, enquanto que um pouco de cautela para respirar seria um bom tempo de existir.

Tudo parecia como sempre. Os lugares demarcados, as cores mornas, o som agradável, uma temperatura tolerável, nada de surpreendente nesse espaço-tempo desvendado pela curiosidade atenta que busca por sensações que provoquem vida aos sentidos, perfumes ao existir, coragem ao pensar.

Não está solto ou perdido, é preciso sensações para sentir, para inventar um corpo nômade sem sair do lugar.

Um mapa sensorial que compõe esse corpo nu de saberes com arrepios poéticos, criando possibilidades de inventar o existir com nuances de potência.

Vivendo a dança do encontro com tons sonoros de alegria! Reinventar-se a cada respirar, como doses homeopáticas

para salvar-se da loucura insana que permeia falas, olhares, escutas, sem dar chance para doçura ou leveza... Tudo parece pesado e escuro, falta tanta falta que é no peso que a possibilidade de existir se encontra, ... mas pera ai ... quero isso não! Nossa invenção é o corpo nômade que cria seu existir, experimentando sua potência de colorir sua própria pele no devir.

Bêbada¹⁰ de sensações que invadem o corpo, sem razão ou distinção de qualquer moral que atravessa o cu, deixando a razão contaminada de muitos porquês a se fazer, dar conta. Comi bebi fumei, mas não fudi, fechada na moral que atravessou a tal da criação, a formação do caráter, o trabalho digno, tudo certinho. E dai? O corpo pulsa da mesma forma, fode sem querer, mas querendo ver o que rola. Seja grana ou gozo, é tudo uma questão de saber para onde quer ir. Mas como não se sabe o que quer. Fica a deriva. Essa porra de Estado nos diz como ser, essa danada de família nos faz seguir os protocolos, mas é nas dobras das entranhas solitárias que algo acontece, como uma fumaça que vaza, um gozo que escapa, uma dor que invade, solidão. Fechada aos possíveis do corpo que desconhece, é vivendo nos recantos das ruelas dessa cidade maldita que o possível transborda, com ou sem droga, muito ou nenhum tesão, é uma dor existencial que invade. Os dedos se deslizam no teclado, a alma se perde na fumaça, e as ondas da chuva suave conduzem um prazer pelos poros, é no silêncio da noite sem luz que algo se acende nas trevas, sem reza ou crença, apenas secreções do gozo guardado, da potência reduzida, da lágrima contida, não há excessos ou delongas, sobretudo há mulher e carne, desejo que atravessa. Não há um falo que surge, há medo que paralisa, ela não me quis, eu não quero. O que será essa porra de eu, que só obedece, se afunda na merda dita certa. Come come come. vomita escarros de

¹⁰ "(...) embriagar-se com água pura, como na experimentação de Henry Miller?" (Mil Platôs v3, p. 29).

sobriedade, caga morais domesticadas. Não tem outra forma é no descompasso da não certeza que segue os caminhos da tal vida.

Ela estava lá no alto, olhava para tudo lá em baixo e se indagava o que de fato era a vida. Trabalho dinheiro contas garantias, nada disso importava, queria mais da curva logo adiante na vontade. Não sabia se estava bêbada ou coerente, jovem ou velha, mas era uma força que atravessava sua pele em busca de sentido para essa tal vida, lá fora tudo embalado pelo som molhado da chuva, aqui dentro tudo seco pelo não escarro permitido.

É um pingo, um gesto, um breu. Nem noite nem dia, apenas o instante atravessado pela lama existencial desse nojo¹¹ de vida que se diz seguir. Há um impulso de loucura pela vida, mas uma retidão pela moral aprendida, trava, segura, faz morrer, seca os possíveis, endurece as articulações. Um asco pela liberdade. Uma necessidade em ser livre, uma não coerência no que sente ou faz ou pensa, só um caos pulsando. Come come come. Sem critério ou escolha, só não pode parar a boca, pois essa deseja, então se esfomeia em qualquer coisa. Tampona o tesão dizendo ser fome, come o próprio buraco no vazio do existir, continuando a respirar sem ao menos desejar. É assim que uma overdose surge, cheia de tóxicos-pensamentos sobre o que não suporta ser. Um porre de sensações, uma anestesia do viver, uma pausa no existir. Em breve vai vomitar. Um monte de coisas que nem sabe. Não tem problema ou razão para tal situação, mas é nessa deriva que seu corpo entrou. Sem limites atravessa qualquer coisa. Pensa, mas é nas palavras que sente tesão. Não há razão que explique nem solidão que justifique. É caso de corpo estranho num ninho qualquer tentando ter vida. Uma lasca de loucura que invade o agora, como escarro de visíveis

¹¹ Roubo direto em Nascimento (2018, p. 3-37).

dando passagem ao negado. Quanta loucura! Isso é caso de alguém que não vive, apenas aguenta. Comendo até explodir, como tentativa de sentir algo, então a boca padece fazendo do estômago um buraco sem fundo. Come até o próprio buraco como tentativa de sentir algo mais que um pulsar entre as pernas que a angustia mais que qualquer outra coisa. Aquela serpente que a criou, a deixou seca, é proibido sentir qualquer coisa além, a vida é isso: trabalho trabalho trabalho... para além é safadeza. Nesse instante a morte se faz a realidade presente, um possível real em meio a tanta perda de sentido que a invade nesse breu que se tornou a tal vida.

Deitada desnuda na cama estranha. ao redor tudo parece como sempre, paredes brancas, luz baixa, janela entreaberta, porta fechada, silêncio. a respiração entoa um ritmo quase suave, mas nada se suaviza nesse corpo desnudo dos possíveis. o tesão faz aquecer, busca das entranhas um pouco de vida, tenta acordar os sentidos. mas parece que o corpo encontra-se abandonado ao existir. olhando daqui, vejo a pele enrugada, os pelos brancos, os cabelos escassos, os pés deformados, uma flacidez da vontade. talvez quando jovem esse corpo fosse viçoso e viril. não se sabe. no pensamento que daqui a pouco conseguirei mergulhar, há um cheiro rançoso, tento me adaptar antes de penetrar. e me encorajo voltando-me ao meu corpo, e percebo que estou inteiramente arrepio, mediante essa cena, talvez seja uma expressão de coragem, quero mesmo é acreditar que seja coragem, pois é o que preciso nesse momento para autorizar-me ao mergulho, é estranho e excitante, um tanto fétido, mas não deixa de ser excitante. lembro-me que há coisas estranhas que nos dão prazer, quer dizer, me dá prazer, nesse momento não me recordo de algo específico, mas sei que isso acontece. vou tentando ganhar tempo para ver o que acontece, mas nessa tentativa ela vira-se, e de lado, vejo as curvas de seu corpo, um tanto desgastado de vontade, mas parece ter sido moldado de coragem, por grandes que sejam suas dimensões, há suavidade em sua expressão, parece algo artístico, e nessa visão de agora, não parece-me mais ser aquele ser de antes. novidade essa que mais me excita, será que lá no pensamento é tão curioso quanto na forma?!? bem, não tenho tempo para devaneios, volto o olhar e percebo que há marcas nas costas,

talvez cicatrizes, penso que podem ser marcas de amores, ou talvez dores, não são denunciadoras de suas causas, parecem tatuagens que compõem com a pele criando uma paisagem. as pernas fortes, com varizes azuladas, marcas escuras, peles sobrando. essas denunciam que muitos caminhos percorreu. a bunda poderia ser maior para compor melhor, mas assim não o é, parece tímida para todo o resto, parece não ter marcas, mas há nela algo de rígido, talvez não tão expressivo quanto o todo. sei que estou enrolando, mas é necessário, o frio na barriga ainda não passou, sinto que poderei estar entrando num caminho sem volta, saber da caixola do outro, nela mergulhar, isso é um tanto perigoso, posso perder-me, não voltar, sei lá, não preciso me justificar, mas sei que é perigoso. se bem pensar, em tudo há perigo, pois quando ainda nada era nessa vida outros tantos já morreram para meu nascimento, pensando nos espermatozoides que morreram na saída e um único que venceu e se tornou eu, já vivi coisas mais perigosas que esse mergulho. é, sei que estou enrolando, mas tenha calma comigo, não é sempre que estamos diante de tamanha ousadia ou seria roubo?!? será que os bandidos se sentem ousados em suas ações?!? não importa. não quero representações. preciso mesmo é de coração. Certa vez ouvi uma história sobre a coragem, dizia que ela era o exato momento que o coração e a ação estavam de mãos dadas, sempre achei poético, mas agora sinto que pode ser real, porque por mais que deseje, falta essa união para que o mergulho aconteça. outra história veio a mente, foi o dia que me perdi numa biblioteca e por lá fiquei horas, até que uma moça veio me perguntar o que procurava, e num pedantismo burro, disse que nada, e ela se foi levando consigo todas as informações preciosas para sair daquele lugar, mas que na verdade não queria de lá sair, mas acovardou-me isso assumir, era mais fácil não bancar o desejo que sentia. será que agora é assim que estou novamente?!? devo mesmo

ser um caso perdido de desejo não assumido. ela se mexeu novamente, agora deitou de barriga para cima, realmente sua protuberância tem conteúdo, peitos grandes, com mais tônus que o restante, posso dizer que são bonitos, parecem mais jovens que o corpo todo (talvez carregam em si mais vontade), a barriga tem volume grande, parece guardar muitas coisas em si. os pelos pubianos são compridos, despenteados, não permitem ver a protuberância da xoxota, parecem uma mata ainda não desbravada. nessa posição ela parece maior que antes, talvez suas pernas ganhem tamanho quando se faz necessário. isso me lembrou aquelas cenas de crianças pequenas andando sobre os pés do adulto segurando-lhes as mãos, como se grande fosse a caminhar. somos mesmo enganados desde sempre, até quando aprendemos a andar nos disfarçam de nós mesmos, fica difícil depois saber que tamanho é verdadeiro no corpo, esquisito isso. ah não... ela acordou. se mexe com a vagarosidade de uma lesma, como se estivesse dura voltando a se mover. vira-se e levanta-se. me escondo no canto do espelho. sai do quarto, não atrevo-me a ver até aonde vai, fico atento aos barulhos, acho que foi ao banheiro. calmamente aguardo. esse tempo se torna longo, não ouço mais barulhos, será que ela caiu morta ao chão, acho que não, ouviria o cair do corpo... não sei quanto tempo se passa, mas percebo que adormeci na vontade, durante esse tempo sonhei com uma linda viagem, que não vem ao caso contar. não sei se saio a sua procura ou se continuo no esconderijo aguardando sua volta, nesse ínterim, percebo que fui me esquecendo do plano do mergulho, pareço estar mais a vontade sobre a ideia de adentrar terras desconhecidas sem a mínima autorização. ela volta, de banho tomado, abre uma das portas do guarda roupas e escolhe um vestido, um tanto floral para meu gosto, mas não importa. coloca um sutiã preto e o vestido, essa novidade não poderia imaginar, ela não usa calcinha?!? não

importa. rapidamente volto a ficar tenso no não saber o que fazer, vou com ela, fico aqui, escondo-me na vontade, fujo no desejo. ela nem se despede e sai. no tempo que perdi tentando saber o que melhor fazer, a vida aconteceu, ela se foi. aqui fiquei atônito de imbecilidade como naquela biblioteca de velhos tempos., agora aguardar é o que me resta, não adianta sair por aí a sua procura. e se ela não voltar? se seu desejo se esvaiu? se morrer no meio do caminho? se achar um príncipe encantado e para outra história se mudar? tantas coisas podem acontecer, e agora, não adianta tentar adivinhar. quantas coisas passam por não saber o que com elas compor, o que delas fazer, como nelas estar. isso me faz lembrar o primeiro texto que escrevi, foi logo assim que aprendi as letras juntar, foi algo do tipo duas frases e meia, parecia-me longa história, mas sem sentido ou valor, tanto que não recordo do que queria falar. mas lembro-me de sentir a possibilidade de inventar saltar dos dedos, exalar pelo olhar, e melhor, sentir a libertação da imaginação! essa sensação libertária sempre me seduziu a convicção, mas como sou de difícil dissolução, desde então, fico tentando não me deixar seduzir por tal vocação.

Os sons invadem o silêncio perturbador do existir. É uma água que cai, algumas pessoas que falam ao longe, pássaros murmurando seu dia a dia, folhas dançando ao vento, galinhas conversando com seus pintinhos, gato ronronando seu respirar, cachorros dormindo na sombra da mangueira.

Minúsculos sons que meus ouvidos não dão conta de perceber, além das vísceras que não param, seus sons melódiosos no escuro das cavidades que sentem o calor do sol quente que chama ao movimento. Na pele mordidas, coceiras, sensibilidades para além do perceptível. Nos olhos excesso de brilho refletido nesse verde em múltiplas tonalidades. Na boca o gosto do café feito no coador de pano. Nas mãos a pressa em registrar palavras para não perder a sensação... Muitas tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que o nada acontece nesse existir perene da natureza-corpo, natureza-natura, natureza pelo fato de existir.

Tantas forças que afetam o corpo, como uma pedrinha lançada ao rio, reverberam movimentos outros, ou seja, pensamentos outros, tantos mais, que não damos conta de saber de qual poro vem, de qual fio de cabelo chegou... Tudo por aqui passa antes de chegar em uma ideia, um pensamento, uma sensação. Aferentes. Eferentes. Viventes.

Isso: seres viventes!

Explorando possibilidades de parecer igual, deixando de ser vivo. Se a constância nos traz ideia de garantias, nos distanciamos da natureza a qual pertencemos, pois nela não há garantias. Assim como o rio esta vivo, em movimento, desloca-se nos possíveis, olhamos e parece

o mesmo, mas sua água já se foi no mesmo instante que chegou. Imanência¹².

Não há controle nesse rio-corpo que se faz em fluxos vivos, desejo. Contenção, expansão. movimento. Diferentes intensidades. Campos de forças que se constituem em cada encontro de forças, composições.

Nesse instante meu corpo é invadido pelo desejo da gata que teima em ficar no meu colo, entre o notebook e eu, nesse entre, espaço descoberto por ela, que por mais que brigue, toque, coloque-a no chão, ela insistentemente volta. Se ajeita, aconchega-se entre os intervalos de movimento dos braços conduzidos pelos dedos ouriçados no encontro com o teclado. Parece-me haver algum ritmo nesse movimento que embala o sono da gata, que se embrenha e dorme, profundamente entregue ao sono silencia seus sons, a ponto que sinto apenas o calor de seu corpo no meu, um contato.

Reagir ao desejo do outro diante do nosso. Dar espaço-tempo ao que se sente e ao que se pode. Dar contorno ao desejo possível de relação.

Esqueço-me da gata e perco-me nas derivas do pensar que seguem saltitantes por ai... Tento pegar num fio de ideia e voltar, mas não é mais possível. Surgiu uma abelha e me capturou, comecei a vigiá-la, me perdi em seu voo, uma mistura de medo e curiosidade, ela se vai e vou junto, no caminho encontro pássaros voando, parecem andorinhas. Livres, bailam lindamente pelo pasto verde, pousam em arvores, fios, e retomam seus voos cantarolados.

Esqueci-me da gata, nesse passeio que fui dei-me conta que ela aqui continua, já não há diferença em nosso calor, ela compõe esse

¹² Roubo direto em Oliveira (2015, p.38).

instante, faz parte. Deparo-me com a saudade do cão. Interage, olha e chama, respeita minha vontade, adequa a sua a minha, mas eu teimo em buscar a vontade dele. Mas ele sempre escolhe a minha, só quando o desejo é de comer, esse ninguém muda nele, desobedece, transgride, come. Mas sempre me olha do jeito dele, deseja, tenta, mas respeita minha vontade, fecho a porta, ele aceita.

A gata subiu na mesa, rasgou o saco de pão, pegou o maior e ficou comendo. chego, olho, brigo, ela em nada se mexe, continua a comer. coloco-a no chão, continua a comer, brigo, e ela nem me olha. Vou-me embora, volto a trabalhar, lá vem a gata, volta ao meu colo, não liga se quero ou não, se gostei ou não. Nada importa. Ela quer. Mal chega e já dorme. Fico zangada, e nada adianta. A gata dorme. Com a barriga cheia de pão, fica mais afirmada em sua vontade, dorme.

E a lembrança escapa lá para o curral, vazio, ninguém o ocupou hoje. Bezerras¹³ fugiram, queriam encontrar suas mães. Romperam cercas, porteiras. Mas a ponte os segurou, temeram atravessar o rio. Recuaram, mas foram se esconder no mato que ninguém chega. Querem suas mães. Resistem ao que querem deles, eles querem suas mães. Lá no alto do morro os vejo ao sol, tranquilos, resistentes, sozinhos. Suas mães ficaram longe, e eles agora, irão ter que crescer, aprender a comer por si só, será que alguém pensou se eles tem memória? Medo? Pensam só que eles não pensam?

Já a gata surgiu aqui fugida da mãe, ousada, abusada, escolheu aqui ficar, foi rejeitada por nós, ninguém a queria aqui, mas ela quiz, ela quer. Não vai embora, às vezes some, finge fugir, mas volta, com a mesma determinação de antes. Ela quer.

¹³ Roubo direto em Deleuze (2007, p. 32).

Acho que a agressão do pensar alguns tem. Mas o tal do SENTIR todos experimentam, sejam bichos, sejam viventes!

Durante o tempo que fiquei distante, pus a alongar-me nas sensações de outrora, e percebi mudanças, a dita vocação de criar histórias se dissolveu no tal pesquisar conceitos e formar conteúdos teóricos, o plano do mergulho se perdeu na não vontade de se expressar no agora, assim, ficamos eu e os outros eus, presos na busca pela moral da história. Então, bem devagarinho, vou retomando o fluxo que me trouxe até a senhora, será preciso calma para que eu me recomponha até dissolver-me e contar-te um pouco da nossa história.

... foi uma travessia inusitada, pois uma forte coragem estava habitando meu corpo, mesmo que a razão a desconhecesse, não foi o suficiente para atar-me a inércia. ao descer da montanha sem deixar rastros, pude ser aventureira e seguir apenas meus passos, sem roteiro prévio, ou mesmo senso de direção, fui conduzida pela sensação.

depois de algum tempo vagando pela emoção, deparei-me com algo grandioso, muita água, movimento constante, uma infinidade de coisas que se juntaram para compor aquele instante. era o mar. lá estava eu diante do mar, suas ondas, sua força, um constante ir e vir de chances, comecei a escrever recados na areia da praia com as mãos, os pés, escrevendo para além mar... tudo muito rápido, no tempo da onda para não perder o ritmo da escrita e a informação virar história, não era a intenção, queria apenas contato. e nesse rápido ir e vir das ondas, cansei, parei, respirei, dei-me conta que estava a inventar, pois a cada novo escrito, me esquecia do anterior, então, já não havia mais nada a

dizer, estava lá de novo a inventar. não tem solução, coloco-me logo a criar.

então, disse adeus para o mar, saí em busca de papel onde pudesse inventar, e foi quando, adentrei aquele quarto, com o plano de um outro ser habitar, e agora que já sei seu nome, não tenho mais como escapar.

a menina ia contando tudo numa rapidez como se o tempo fosse acabar, a senhora sem entender muito, confiava na sua sensação, gostava de ver a menina brilhando para seus olhos, era uma força que voltava a contagiar-lhe o corpo. um encontro surpreendente entre diferentes tempos acontecendo no mesmo instante, a senhora e a menina, inventavam não só outras histórias, mas juntas se colocavam a inventar um outro modo de unir conceitos e histórias, ou seria poetizar conceitos e deixar de lado a moral da história?

depois de jogar tantos fios de seu emaranhado ao vento, a menina, sentou-se respirou e entregou-se às lágrimas, a senhora um tanto surpresa, não sabia o que fazer, então, nada fez, olhou, acolheu. e a menina, num dissolver de si, foi escorrendo-se pelas certezas, ficou despida dos conceitos, em pele com as vontades. um longo silêncio contemplava o encontro, não havia mais distância entre elas, apenas afeto. no tempo possível, a menina conseguiu contar o que lhe aconteceu...

muitas coisas fui experimentando pela vida, algumas doloríferas outras mortíferas, mas nenhuma delas tão caótica quanto a necessidade de ter identidade, de dizer ao mundo quem sou, o que faço, como ... esse lugar fechado, que aqui nomeio de identidade, como sendo um crachá,

com o qual me apresento. assim, segui mortificando meus eus. estudei, me formei, garanti diplomas, trabalhei, engrossei meu currículo, vivi amores, produzi uma família, fiz viagens, segui tudo como dizem que pessoas adultas fazem quando se consideram adultas. num dia qualquer encontrei-me com o desespero da vida cheia de ideias, pousada na inércia do organismo que organizado foi negando os possíveis. segui realizando coisas, cumprindo objetivos, uma vida cancerosa da vontade, mas seguindo os padrões estabelecidos. recordo que certa vez, apresentei um trabalho, muito elogiado, dentro dos parâmetros exigidos, reconhecido como algo correto, criativo. ali naquele instante vivenciei um romper com a realidade, senti-me esvaindo do reconhecimento. tudo que aquelas pessoas falavam não eram para minha carne, era apenas para meu dito nome, o rosto que me representava como o adulto que cresceu e estava obedecendo as regras institucionais, as normas estabelecidas, no meu corpo só havia dor, aquela produção não era criação, era apenas obrigação ... um silêncio oco ocupava meu pensamento, as pessoas falavam feito marionetes, as imagens foram distorcendo, e meu corpo algemado em suas convicções estava paralisado, quando de repente tudo se apagou, não sei o tempo que se passou, ao longe ouvi: Moralina¹⁴, Moralina, acordaaaaa Meninaaaa... um buraco negro se abriu, não posso ser eu confundida com essa dita Moralina. Por onde estava que me perdi na moral, nos bons costumes, nos isso e aquilo?!?

acordei de repente, não era insônia, nem um sonho, era um sonhar entre dormir e acordar, não sei como continuar, pois parecia que a vida estava seguindo seu próprio caminhar sem meus pés juntos. então, num lampejo de prudência, larguei tudo e deixei-me conduzir pelas

¹⁴ Roubo direto em Nietzsche (2008, p.33).

sensações, até que aqui cheguei. A senhora em lágrimas, abraçou a menina, disse que era necessário descansar, levou-a para cama, fez-lhe companhia até o corpo adormecer.

Ao acordar, ao lado de seu corpo uma breve carta,

... era como se fosse uma lesma, algo pegajoso, rastejante, mas não peçonhento. De fato, algo nojento. Deslizava sobre a vontade, com isso, a pele ia se entregando ao contato. Sem resistência ou mesmo malemolência, foi seguindo uma dança gosmenta pelo corpo-carne que se deixa entregue a não-vontade do possível, e naquele movimento sinuoso, curvas se fez no corpo. E das entranhas emergiu suavidade, das cavidades muco, da inércia expressão, assim, se fez fêmea. Do auge de sua vaidade deixou-se rastejar na vontade, sem temor ou gracejos, foi rasgando a moral com a carne, se afirmando corpo. E nesse movimento não mais grotesco, ganhou sinuosidades de dança potente. No micro movimentar, no quase imperceptível deslocar, grandioso movimento saiu de si a bailar, para além-morte fez vida, para além-vida fez morrer. E num espetáculo de expressão nasceu uma aurora, encontrou-se no mover do girassol, na chuva na roseira, no sol beirando a cachoeira... foi além mar para o oceano de sensações mergulhar, e noutrora, fez poesia cheirando a merda de tanto romper com a bestialidade que a fez mulher. Rasgando a carne, rompendo a pele, esvaziando pelo sangue as representações, faz criar outros tantos que não reconhece mais o que foi, e inventa um outro

para seguir vivendo. Sem fechar-se na loucura do ser, rompe as barreiras identitárias, e para além-gênero, faz-se corpo-carne nesse instante.

Menina,

quando chegou estava com esse manuscrito junto de ti, são muitas intensidades a atravessando ao mesmo tempo, precisas de prudência para continuar teus experimentos. Descanse mais um pouco, deixei papel e caneta sobre a mesa, um pouco de café e algumas frutas, preciso ao meu corpo voltar para me reencontrar contigo.

um beijo,
senhora.

A menina encontrava-se sozinha, esvaída sobre a cama, deixou-se entregue aos lençóis, enquanto o sonho a tomava nos braços criando para si o real, foi-se embriagando dos possíveis, fugindo ao juízo.

Entrou numa roda viva...

Vento. Muito vento. Chegam a balançar meus pensamentos ou trazem outros, nem dá para saber, é um caos que se faz movimento, entre fluxos, ventos, paralisias, caminhos... quando perdida assim me sinto, paro respiro e penso: existe algum lugar que posso retornar? E sem hesitação alguma, começo a andar, muitos passos se apresentam ao meu chão, os pés quase saltam com vontade de andar. Num instante de prudência, os olhos se abrem, a testa relaxa, e tudo para: calma, é preciso olhar para onde se vai caminhando. E nessa pausa feita pelos olhos. Os abro e fecho muitas vezes, tento reencontrar a testa, a órbita, o buraco, os cílios, a luz que pode olhar e ver para além desse palmo de espaço-tempo que consigo andar. Tudo rodopia num instante. Num momento o mundo não é mais o de agora pouco, tudo gira, muda, roda, gira... a vontade de mandar no próprio caminho fica mais forte, abraçar o destino e conduzi-lo. Olhar para o lado e reconhecer as voltas que se deu, parar e voltar, e assim, continuar. Parou. Tudo parou num estanque. Numa curva sinuosa. Num rodopio de loucura, vontade, medo, disparate, seja lá qual qualificação ganhar, um rodopio que na volta não me encontro mais. E o vento soprou com mais força, mais, e mais, sem chão, cabelos ou ordem em qualquer lugar, uma polifonia

criou fundo para essa cena bailar... rins baço pernas pâncreas osso fígado coração intestinos... muitas vozes ao mesmo tempo a falar, sem linguagem, signo ou quiçá significado, era som, o som mais profundo que nem barulho consegue sufocar. Na não distinção do falar, comunicou palavras de alegria ao arrepiar da pele, comunicou aos pés a vontade de mais, comunicou aos joelhos o valor, não mais ou menos do que há. Silêncio se fez. Lá no fundo algo deslocou, fez passagem, atravessou o som e do outro lado pousou, num instante que os olhos conseguiram capturar, lá estava esse corpo-polifônico no alto da montanha. Não tinha mais eu ou gênero, não tinha mais consistência ou forma, puro tónus, pele, ossos, carne, vísceras, deixou de obedecer a obediência, e tornou-se o possível do mesmo, singular se apresentou, não importando mais o nome, o lugar.

Corpo sem órgãos - Experimentações em devir

Dia chuvoso, um tanto atípico para aquela época do ano, a menina estava inquieta, não se sabia muito as razões, andava muito todos os dias por longas horas, mas aos olhares próximos ela não havia saído do mesmo lugar, nem um milímetro de deslocamento era perceptível. Podíamos sentir os arrepios do desconhecido reverberando na pele da menina, um tanto inflamado, ouriçado, não há palavras que descrevam nitidamente o que era sentido ao estar perto dessa menina, mesmo que esse perto fosse os olhos da vila e ela na montanha, sem distância para as sensações, era proximidade, não havia mais dentro ou fora, era tudo instante, uma fusão de sensações, um plano de consistência, um corpo intensivo, um corpo de sensações. Não ocupando mais a lógica das representações, fez-se fluxo e seguiu por multidões.

Alguns comentavam que era a loucura que havia habitado a mente da menina, mas uma voz falava baixinho: é caso de corpo, de arte em vida essa menina. E para não mais correr o risco de ser confundida, e logo reprimida, a senhora a convidou para viajar, e ela destemida, aceitou sem hesitar. Viajaram para além-mar ...

Decidiram não haver pressa em chegar, queriam o caminho juntas inventar, e num acordo de sensações compartilhadas foram escrevendo para em algum lugar se lembrarem de onde partiram e para qual lugar não queriam se fixar. E assim, descobriram que a ética é um modo de vida que nos move para na vida bailar, uma tal leveza que é cheia de consistência, que se afirma no caminhar sem carregar pedras-morais. Viveram tensos momentos, como em qualquer caminhar, houve alguns que a menina segurou a mão da senhora, e a ajudou a seguir

contagiada por suas sensações, oferecendo contorno para suas aflições. Em outros, o corpo vivido da senhora acolheu e deu coragem para a menina, descobriram que de trocas em trocas era possível se reinventarem, construírem um outro corpo para de suas velhas amarras se soltar.

Junto delas a coragem fazia composição com a ousadia, não se perdiam em seus medos, os experimentavam como qualquer nova chance apresentada pelo caminho. Muitos esquecimentos, palavras não ouvidas, canções inventadas, poemas em cada esquina. Seguiam deixando rastros, impressões de suas fabulações, não roteiro ou manual, muito menos teorias para serem seguidas, elas queriam mesmo era propor outros modos de experimentar a escrita, as teorias, a vida como uma obra inventada, nômade como condição de vida.

O corpo de uma ganhava leveza, não se prendia mais às torturas vividas, na outra os contornos ganhavam outras diferenças, não precisavam mais se esconder como senhora e menina. Quando afirmaram que seu caminhar não se perdia mais em nomes ou rimas, se deixaram levar sem mais tentar explicar ou justificar para os outros o que faziam com a senhora e a menina.

Já em além-mar encontraram alguns amigos, fizeram invenção de histórias, multiplicaram seus caminhos, certa vez da janela foi possível roubar uma cena da menina, sentada num banco de rua conversava alegremente com um senhor, não se sabia ao certo sobre qual poema falavam, muito menos qual história criavam naquele falar. Desde então, não houve mais rastros da menina, saiu de composição em composição, criando imagens em brechas, poemas em vida...

E a senhora, não teve dúvidas, deixou-se levar pela pele para encontrar rastros da menina, e mesmo sem faro apurado, foram os arrepios o aroma seguido por sua pele saudosa da menina. E assim, num

dado instante, deparou-se frente uma casa feita de pedra, era escura, fria, um tanto fantasmagórica para seus olhos, mas sem hesitação, entrou sorrateiramente, fez de seus pés cabelos suaves e firmes que deslizavam em silêncio pelo frio chão... seus olhos pararam, uma lágrima percorreu junto ao seu sangue, não conseguia crer no que sua pele lhe dizia, lá estava a menina, não era mais o mesmo corpo... o chão fazia-se terra, os pés-raízes brotando num caule, lentamente se erguendo, o movimento-nascer era uma respiração, no tempo preciso da emoção que ia umedecendo as articulações que se tornavam fluxo compondo com os músculos, os tendões, a pele envolvendo a ação, os braços surgiram como duas folhas bailando em suave brisa colorida que suavizavam o firme caule, e num lampejo de luzes solares, foi possível contemplar ... tornou-se flor, ... Os olhos-sementes brilhavam como sol, os cabelos dourados eram pétalas, um corpo-flor-dança nasceu em movimento, ocupou aquele espaço, a senhora foi tomada pela beleza do acontecimento, e silenciosamente, tornou-se chão, esvaiu-se de suas intenções, encontrou-se com seus desejos e no mesmo instante o corpo era a menina o corpo era a senhora, não havia mais diferenciações, se tornaram um só corpo, um plano de consistência,

um corpo sem órgãos.

Perigo: teorizar sobre o corpo sem órgãos, “um novo corpo”, transformando-o num “saber” universitário, eliminando ao mesmo tempo seu processo de invenção e experimentação, e impedindo a compreensão desse processo, restringindo-o a organização de conceitos “suscetíveis de serem teorizados, catalogados, integrados num rumor e não a indicação torturada de uma ‘descida a pique na carne’, que o traquear dominante tem precisamente como função reduzir - sob o modo: o corpo de um lado, o pensamento do outro”¹⁵.

¹⁵ Roubo direto em Searpetta (1973, p. 264) *apud* Lins (1999, p.50).

Referências

ARTAUD, Antonin. **A perda de si: cartas de Antonin Artaud**. Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer; Tradução: Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: ROCCO, 2017.

_____. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Para acabar com o julgamento de deus** - texto retirado da transmissão radiofônica, 1948. Disponível em: <http://bibliotecanomade.blogspot.com/2008/01/arquivo-para-download-para-acabar-com-o.html>. Acesso em: 16 nov. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pél Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Espinosa – Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Lógica da sensação – Francis Bacon**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Sobre o Teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.1**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.2**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.3.** Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.4.** Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

_____. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1984.

_____. **O Abecedário De Gilles Deleuze.** Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Fonte do vídeo: <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>

GIL, José. **O imperceptível devir da imanência - Sobre a filosofia de Deleuze.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2008.

_____. **Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações.** Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D'Água Editores,

KIFFER, Ana. **Antonin Artaud.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

_____. **Estou como que sobre cartas e extravios.** In: Remate de Males, Campinas-SP, v. 37, n. 2, pp. 547-557, jul./dez. 2017.

_____. **O rascunho é a obra: o caso dos cadernos.** In: estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 55, p. 95-118, set./dez. 2018.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud: o artesão do Corpo sem Órgãos.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

NASCIMENTO, Aline Ribeiro. **Quando a transparência nos assombra.** Mnemosine Vol.14, nº1, p. 3-37 (2018) – Artigos.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Tátia Rangel Emmerick de. **Do encontro do escritor nômade com o terapeuta nasce uma cartografia: escrever-pensar clínico.** Macaé: 2015.

PELBART, P.P.. **Exclusão e biopotência no coração do Império.** In: SEMINÁRIO ESTUDOS TERRITORIAIS DE DESIGUALDADES SOCIAIS, 2001, São Paulo. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao>. Acesso em: 15 jun. 2019.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego:** composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa/Fernando Pessoa; organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

SPNOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido.** São Paulo: n-1 edições, 2012.

_____. **Hijikata Tatsumi - Pensar um corpo esgotado.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento.** São Paulo: Editora 34, 2016.